

FEITOS MILITARES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Acabava eu de escrever um dos artigos da semana sobre o conceito de disciplina, analisado à luz dos últimos acontecimentos, quando dei com os olhos na página de um vespertino. Lá estava, embora com muito menos destaque do que a fotografia do quinquagésimo moço louro apontado como "suspeito do rapto, a notícia de uma nova façanha militar. Desta vez é a Aeronáutica que invade o 4º Distrito Policial, que espanca os funcionários e que destroi os utensílios a golpes de picareta.

Meu primeiro sentimento foi de medo. Medo de sair na rua, medo de escrever alguma coisa que de longe pudesse melindrar uma das armas da república, medo de ser forçado a me munir de uma arma para cuidar da defesa de minha casa, medo por mim e pelos outros, medo pessoal e social. Perdi-me depois na meditação dos detalhes. Por que será que eles quebram as mesas, as máquinas de escrever, e os demais utensílios? Até certo ponto se entende a pancadaria de militares em policiais. É natural que homens tenham a raiva de homens. As brigas podem ser reprováveis, mas ainda são reações saudáveis. O que não é sadio, o que revela um inquietante estado de espírito é a cólera contra objetos inertes que não tem culpa de coisa alguma, que são inocentes de um modo absoluto. E não digo isto por serem tais objetos partes do patrimônio nacional. Independentemente de qualquer consideração cívica, a depredação revela selvageria ou morbidez. Revela ferocidade e estapidez. Diz o jornal que os assaltantes do 4º Distrito quebraram mesas e cadeiras a golpes de picareta. Depois, com a mesma picareta, quebraram a camioneta do distrito. Porque picareta? Qual é a relação que existe entre essa ferramenta e os soldados do ar? Além disso, a picareta, por sua forma especial, é difícil e incomoda de ser carregada pelas ruas nas horas da madrugada.

Diz ainda o jornal que eram sessenta os soldados da Aeronáutica, comandados por um tenente, e que o desforço se explicava pela prisão de um desses aristocratas, que dias atrás fora autuado por invasão de domicílio, agressão e atentado ao pudor. Vamos admitir que seja mentira e que a polícia tenha praticado uma monstruosa arbitrariedade contra algum jovial militar que estivesse a fazer uma inocente brincadeira. Ainda assim não me parece fácil compreender o episódio. Em vez de uma temos duas monstruosidades. Em compensação é fácil imaginar as consequências dessas práticas. De hoje em diante todos os soldados, das tres armas da república, podem fazer o que quiserem. A polícia não se atrevera a prender mais ninguém que de longe tenha um aspecto marcial. De brincadeira ou a sério, eles poderão invadir os domicílios, poderão agredir, estuprar e roubar. A polícia deverá limitar seu campo de ação às prevaricações dos indivíduos de comprovada e inequívoca condição civil.

Mas ainda desta vez foi impeccavel, sob o ponto-de-vista disciplinar, o comportamento da milícia. Os superiores ordenaram, os inferiores executaram. Já não se pode dizer o mesmo do oficial da Aeronáutica que permitiu a entrada do Brigadeiro Eduardo Gomes nas dependências da Escola da Aeronáutica onde se acham presos os indisciplinados oficiais que

não compareceram à entrega dos diplomas. Não era hora regulamentar de visita. Houve portanto infração, grave, gravíssima infração aos regulamentos, e o oficial responsável mereceu a punição que lhe foi imposta pelo sr. Ministro da Aeronáutica. Chegou-se a falar na prisão do próprio Brigadeiro, que também feriu gravemente, gravissimamente a disciplina, visitando oficiais em hora não regulamentar. Nem todos tem a necessaria finura, a necessaria educação cívica para entender bem, para aquiatar em toda a sua profundidade a importancia e a gravidade do ato de visitar em hora que não é de visita. Dirá o leitor civil que também não é de madrugada e com picareta na mão que se deve visitar um distrito policial. Mas isto é outra história...

Qual será a continuação do acontecimento? E' cedo ainda para reclamar alguma providencia que o sr. Ministro da Aeronáutica não tenha tomado, ou para estranhar que o sr. Ministro da Justiça permaneça na infeliz pasta. O caso do 5º Distrito nos autoriza certo pessimismo. Temos o direito de pensar que ha uma lei no fenomeno. Primeiro foi o 5º Distrito depredado pelo gente do Exército; depois foi o 4º pela gente da Aeronáutica, podemos supor que agora seja a vez do 3º Distrito e da gente da Marinha. Distritos em ordem descendente. Na falta de outra é uma ordem.

Esperemos. Pode ser que dê um estalo em alguém, e que os senhores ministros desconfiem que por esse caminho iremos longe. Esperemos. Mas o que aconteceu ontem no 4º Distrito. depois do incidente, mostra bem o estado de espírito com que estamos esperando as providencias das autoridades. Horas depois da agressão, quando as autoridades policiais, com animos já serenados, examinavam o local e providenciavam a pericia, de repente ouviu-se um ronco de automovel que parava na porta do Distrito. E' outro choque da Aeronáutica, com onze soldados, um sargento, um cabo e um capitão! Foi um corre-corre das autoridades policiais... mas logo se esclareceu a situação e se desanuviaram os semblantes policiais: o capitão era um mensageiro de paz e de justiça. Vinha averiguar os pormenores do acontecimento para levar tudo ao conhecimento de seus superiores.

Esperemos. Mas enquanto esperamos não podemos evitar a inquietação que nos acomete. Não conseguimos fugir às apreensões que se multiplicam. Por mim, tenho a impressão de que estaremos perdidos por longos anos se esses dois episódios não tiverem cabal solução. Tenho a impressão de estar num ponto de inflexão da história do Brasil. Do resíduo de coragem e de patriotismo de nossos dirigentes está dependendo a sorte dessa grande país que tem petróleo e que sonha ter nova capital nas nuvens. Mais do que uma instrução da SUMOC ou de uma diligencia da politica financeira, a sorte do Brasil depende da possibilidade problemática de uma recuperação moral da autoridade civil. O fenomeno a que estamos assistindo é simplesmente o da falta de governo. O corpo politico, por carencia de unidade, se desmancha, se decompõe, e as forças físicas dos elementos desagregados funcionam soltas e produzem as operações que as especifi-

cam. Não foram feitos para assaltar os carros de assalto? E a picareta, não foi feita para despedaçar? E os soldados, não foram treinados para brigar? A necessidade de manter um exercito que ninguem contesta, é um duro onus para todas as nações, e decorre da terrivel parcela de miséria e de inimizade que infelicita a condição humana. Mas apesar desse aspecto negativo, as forças armadas têm uma significação positiva que as dignifica? São instrumentos de justiça. Protegem a pátria contra o inimigo. Quando porém falta governo, isto é, quando falta unidade politica e moral numa nação, o que se vê é o esquecimento de quem é o inimigo. Cada parte do corpo desagregado é inimiga da outra. E tudo se resolve a golpes de picareta.

Nós, os contribuintes, nós que pagamos tudo, policia, exercito, marinha, aeronáutica, automoveis de chapa branca e verde e amarela, nós que pagamos os Viscounts e os batedores que de vez em quando atropelam um de nós, que pagamos gerais e ministros, que financiamos viagens pelo mar e pelo ar, nós que somos, ou deviamos ser o objetivo ultimo de todos os aparelhos politicos e administrativos, nós que votamos, nós brasileiros temos certo direito de reclamar melhor aplicação de nosso tributo. E temos direito de exigir dos senhores ministros das pastas da justiça e das armas uma explicação cabal, uma clara explicação do que está acontecendo nos quartéis.

Confesso, entretanto, que não tenho grandes esperanças de ser atendido. E não vai nisso nenhuma pirraça de oposicionista renitente. Não. A dieta de esperança vem dos proprios fatos, e tambem das singulares coincidencias. Já mencionei atrás o destaque maior que o jornal dava ao retrato do suposto raptor. Seja dito de passagem que acho abominavel o desembaraço com que se aponta um suspeito à opinião pública. Hoje basta ser louro e ter tido algum deslize para virar suspeito de rapto. A policia (coitada) anda vendo em toda a parte "taches de blondeur" como o Cirano de Bergerac depois de fitar sua Roxana. Mas há no mesmo jornal uma outra coincidência que me parece mais significativa: na página em que se noticiava a invasão do 4º Distrito, noticiava-se tambem a ultima façanha do Presidente da Republica. Enquanto os moços da Aeronáutica espancavam os policiais e quebravam moveis a golpes de picareta, Sua Excelencia o senhor Presidente da Republica alçava a perna para entrar no F-100 da Força Aerea Americana.

Diz a noticia que o sr. Juscelino Kubitschek passou a barreira do som. Para mim, o sr. Kubitschek passou a barreira do bom-gosto e do bom-senso. É possivel que lá nas suas categorias mentais, cuja estrutura mal consigo apreender, o Presidente pense que esse feito é bonito e prova a sua coragem. Para mim, prova uma juvenil inconsciencia e uma alegre levandade. Pode ser que a Sua Excelencia não desagrade a minha critica, e que até se ufane de ser juvenil e alegre. E então, se, assim é, e receio que seja, não há como convence-lo de que existe um nexo entre a barreira que ele ultrapassou, e a barreira que os moços da aeronáutica ultrapassaram.